



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS**  
**DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA**  
**LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**JOSÉ HUMBERTO VERAS DA SILVA FILHO**

**AS REFLEXÕES E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR  
QUE LECIONA AULAS DE REFORÇO PARA UM ALUNO COM TDAH:  
UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA**

**FORTALEZA, CE.**

**2023**

JOSE HUMBERTO VERAS DA SILVA FILHO

**AS REFLEXÕES E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR  
QUE LECIONA AULAS DE REFORÇO PARA UM ALUNO COM TDAH:  
UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Biológicas do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva

FORTALEZA, CE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S58r Silva Filho, José Humberto Veras da.  
As reflexões e os desafios da formação de um professor que leciona aulas de reforço para um aluno com TDAH: uma narrativa autobiográfica / José Humberto Veras da Silva Filho. – 2023.  
39 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2023.  
Orientação: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva.
1. TDAH. 2. Formação acadêmica. 3. Reflexões. 4. Narrativas de professores. 5. Pesquisa autobiográfica. I. Título.

CDD 570

---

**AS REFLEXÕES E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR  
QUE LECIONA AULAS DE REFORÇO PARA UM ALUNO COM TDAH:  
UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Ciências Biológicas do Departamento  
de Biologia da Universidade Federal do Ceará,  
como requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva

Aprovado em: 10/07/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Frederico Alekine Chaves Garcia  
Escola de Ensino Médio Adauto Bezerra/Secretaria Educação do Ceará (SEDUC)

---

Profª Me. Bianca Araújo Primo  
Escola Estado de Alagoas /Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC)

## AGRADECIMENTOS

Dedico essa pesquisa a um jovem que convivi no passado e que por muito tempo não sabia quem queria ser no futuro. Quando ele tomou a decisão de qual caminho seguiria, por muitas vezes duvidou de si mesmo e se puniu com projeções futuras baseadas inteiramente em crises de ansiedade. Que hoje ele possa viver no presente e saber que está no caminho certo.

Agradeço imensamente aos meus pais, José Humberto Veras da Silva e Raimunda Rodrigues Silva, pois sem eles eu não seria um terço da pessoa que sou hoje. Obrigado por sempre cuidarem de mim, me proporcionarem as melhores condições possíveis e acreditarem no meu potencial. Eternamente serei grato por tudo, desde as broncas até os conselhos. Amo vocês!

À minha irmã, Mikaely Veras da Silva, por toda a troca de cuidados, amparos e risos comigo ao longo da vida. Seu amor pela família e a vontade de continuar em frente, apesar das dificuldades diárias, é grande fonte de inspiração para mim.

À minha namorada, Mariana Lara Mendes Pergentino, por toda a leveza, carinho, companheirismo e pela ajuda durante a escrita desse TCC.

Aos meus amigos ganhos pela vida ou pela graduação, que me apoiaram, ouviram, e aconselharam em diversos momentos, tanto nos âmbitos pessoais quanto acadêmicos;

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva, pela paciência e pela iluminação para o surgimento deste trabalho.

E por fim, à Universidade Federal do Ceará e todos os seus colaboradores, que me proporcionaram uma formação repleta de conhecimentos, experiências e ensinamentos profissionais e sociais.

*“Hoje, você terá a vitória sobre o que foi ontem;  
amanhã, triunfará sobre os menos preparados;  
depois, sobre os mais competentes.”*

*(Miyamoto Musashi)*

## RESUMO

O presente trabalho aborda uma narrativa autobiográfica pautada nas reflexões, aprendizados e considerações sobre a formação acadêmica de um aluno do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará, modalidade Licenciatura e como sua trajetória acadêmica influenciou no seu trabalho como professor de reforço para uma criança diagnosticada com Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade e o impulsionou a buscar sua formação continuada. A reflexão sobre a trajetória do autor, que neste trabalho se inicia no Ensino Fundamental e passa pelos momentos da sua graduação e como eles o influenciaram, até chegar na sua posterior inserção no mercado de trabalho e como ele se comporta e quais metodologias adota lecionando para uma criança com TDAH, é o objetivo de estudo deste trabalho. A abordagem metodológica utilizada foi fundamentada em uma perspectiva qualitativa e interpretativa, que teve como enfoque a análise de uma narrativa a partir da visão do autor, que desempenha o papel de personagem e protagonista. Como base teórica, foi percorrida uma extensa bibliografia que trata da formação de professores, do TDAH, da narrativa autobiográfica e das metodologias de ensino voltadas para o TDAH. Os resultados permitiram que o autor refletisse e entendesse que sua trajetória acadêmica foi essencial e de extrema importância para sua formação como professor, mas que, apesar da extensa carga horária na Licenciatura, no que se refere a preparação para ministrar aulas para crianças com TDAH, precisou construir seus conhecimentos por meio da formação continuada.

.

**Palavras-chave:** TDAH; Formação Acadêmica; Reflexões; Narrativas de professores; Pesquisa Autobiográfica.

## ABSTRACT

This work addresses an autobiographical narrative based on reflections, learnings, and considerations about the academic journey of a student in the Biological Sciences program at the Federal University of Ceará, specializing in Teaching, and how his academic trajectory influenced his work as a tutor for a child diagnosed with Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) and propelled him to seek further professional development. The study aims to reflect on the author's trajectory, starting from his experiences in elementary school, progressing through his undergraduate studies and how these experiences influenced him, leading to his subsequent entry into the job market and his approach and methodologies for teaching a child with ADHD. The methodological approach used was based on a qualitative and interpretive perspective, focusing on the analysis of a narrative from the author's viewpoint, who also plays the role of the main character and protagonist. The theoretical framework involved an extensive review of literature on teacher education, ADHD, autobiographical narratives, and teaching methodologies tailored for ADHD. The findings allowed the author to reflect and understand that his academic journey was crucial and highly significant for his development as a teacher. However, despite the extensive workload during his teaching program, he recognized the need to build his knowledge through ongoing professional development when it comes to teaching children with ADHD.

**Keywords:** ADHD; academic formation; reflections; teacher narratives; autobiographical research.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Aprendizagem Cooperativa
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
ESEF	Estágio Obrigatório do Ensino Fundamental
ESEM	Estágio Obrigatório do Ensino Médio
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PACCE	Programa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis
SISU	Sistema de Seleção Unificada
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade
UFC	Universidade Federal do Ceará

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O TDAH.....</b>	<b>14</b>
<b>3 O MÉTODO AUTOBIOGRÁFICO .....</b>	<b>16</b>
<b>4 SOBRE A NARRATIVA.....</b>	<b>18</b>
<b>5 A NARRATIVA .....</b>	<b>20</b>
4.1 Quem eu quero ser? .....	20
4.2 A jornada pela graduação.....	23
4.3 A vivência profissional .....	30
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a formação de professores é um assunto constantemente abordado na literatura acadêmica, tendo sido objeto de estudo de diversos autores reconhecidos internacionalmente no campo da educação, como Paulo Freire, Demerval Saviani e José Carlos Libâneo. Na sociedade, o papel do professor é fundamental para o desenvolvimento de uma educação de qualidade, que desperte o interesse dos alunos pela ciência e promova o pensamento crítico, ajudando na formação de cidadãos cada vez mais conscientes de seu papel na comunidade.

É fundamental que os professores em formação tenham o conhecimento e as habilidades para lidar com a diversidade de alunos e com as situações trazidas pelo cotidiano prático na sala de aula. Entretanto, ainda há despreparo de alguns docentes quanto a atenção adequada para as necessidades de alunos neurodivergentes, como os diagnosticados com Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH).

De acordo com a vasta literatura que discorre sobre as práticas pedagógicas, é possível observar que esse despreparo pode ocorrer devido à carência de disciplinas na graduação que habilitem os futuros professores para melhor atender esses alunos e também pela acomodação dos professores já formados que não buscam formação continuada e se contentam com as propostas educacionais das escolas, as quais seguem um padrão pedagógico convencional e destinado a alunos neurotípicos.

No contexto educacional, os professores particulares (termo que neste trabalho será utilizado muitas vezes para definir o profissional que ministra aulas de reforço) podem desempenhar um papel fundamental para reforçar e melhorar o aprendizado dessas crianças por meio de um atendimento personalizado e adaptado às necessidades específicas desses alunos.

Neste trabalho, pretendo explorar minha trajetória de formação acadêmica até o momento que me inseri no mercado de trabalho como professor particular para uma criança diagnosticada com TDAH. Irei discorrer sobre minhas experiências, reflexões e desafios através de uma narrativa autobiográfica, buscando compreender as particularidades do meu processo de formação acadêmica e como elas me prepararam para o trabalho que me encontro exercendo.

Além dessas reflexões e do meu desejo de revisitar a minha trajetória acadêmica e profissional, devo salientar o interesse constante em me aperfeiçoar na prática docente, algo

que, certamente, pode ser feito ao resgatar as memórias das minhas vivências. Por isso, optei por utilizar de uma narrativa autobiográfica como método para elaborar o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), visto que, além de atender o objetivo de resgatar essas memórias e contar minha trajetória ao me colocar na posição de objeto de estudo, se apresenta como uma maneira atípica de se escrever um TCC, ao mesmo tempo que permite que eu aprenda mais sobre mim.

Além disso, refletirei sobre as estratégias pedagógicas adotadas por mim, os desafios enfrentados e as conquistas alcançadas ao longo da minha jornada. Fazendo uso da narrativa autobiográfica, pretendo proporcionar uma visão pessoal ao revelar minhas experiências, meus aprendizados e o impacto que essa relação educacional causou na minha formação como um quase professor formado.

A partir dessas análises, tenho como objetivo refletir sobre minha trajetória na graduação; analisar se a minha formação curricular me pôs em contato com material que me permitisse conhecer práticas e estratégias para atender alunos com TDAH e relatar a rotina de professor particular e aluno, além de refletir sobre minhas estratégias e aprendizados durante as aulas.

O presente trabalho está organizado em uma breve discussão bibliográfica e nos períodos narrados da minha vida que foram importantes para minha formação profissional. No que se refere ao percurso metodológico, está separado da seguinte forma:

- REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O TDAH; contendo uma breve reflexão sobre a formação de professores no Brasil e como ela lida o TDAH;
- O MÉTODO AUTOBIOGRÁFICO; que trata sobre as particularidades do método autobiográfico e a razão pela qual o escolhi;
- SOBRE A NARRATIVA, onde escrevo sobre a narrativa e aponto como será a forma escolhida por mim para narrar este trabalho.

A narrativa propriamente dita, onde relato minhas experiências de forma reflexiva e epistemológica, está dividida da seguinte forma:

- A NARRATIVA é o tópico onde faço uma breve introdução e relato sobre o processo de escolha por um TCC de narrativa autobiográfica. A seguir, a narrativa é dividida nos seguintes subtópicos:

“Quem eu quero ser?”, relata sobre minha vivência no Ensino Fundamental e Médio, bem como das minhas inspirações para ser professor e biólogo, até chegar na decisão de seguir essa profissão;

“A jornada na graduação”, é onde relato e reflito sobre como minha trajetória nas cadeiras de Licenciatura, na participação na bolsa do Programa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis (PACCE), nos Estágios Obrigatórios do Ensino Fundamental (ESEF’s) e nos Estágios Obrigatórios do Ensino Médio (ESEM’s) impactaram e/ou influenciaram na execução do meu trabalho como professor particular para uma criança diagnosticada com TDAH.

“A vivência profissional”, parte final da narrativa que aborda o período que comecei a trabalhar como professor de reforço para uma criança com TDAH, relatando quais os desafios, aprendizados e destacando as posturas tomadas por mim com base na literatura para melhor atender esse aluno. Ao final, também faço alguns relatos que aconteceram durante e fora das aulas e que me marcaram positivamente.

## 2 REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O TDAH

Em sua obra "Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras Aproximações" (2011), Saviani defende que a formação de professores deve ser um movimento dialético articulado que alia teoria e prática, enfatizando a necessidade de um conhecimento teórico sólido que embasa a ação pedagógica. A formação de professores não deve ser apenas um processo teórico, mas também reflexivo, capaz de analisar as condições sociais e históricas da prática educativa.

Na mesma obra, o autor destaca que a prática é mais coerente, consistente, qualitativa e desenvolvida se a teoria que a embasa for igualmente consistente e aperfeiçoada. A prática só deve ser transformada caso exista uma teoria que justifique sua necessidade de transformação, trazendo, obviamente, as formas de como transformar. Dessa forma, estaremos pensando na prática a partir da teoria. O autor continua o pensamento ao dizer que "é preciso também fazer o movimento inverso, ou seja, pensar a teoria a partir da prática, porque se a prática é o fundamento da teoria, seu critério de verdade e sua finalidade, isso significa que o desenvolvimento da teoria depende da prática." (SAVIANI, 2011).

No âmbito das Ciências da Natureza, Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002) ressaltam que o professor de ciências necessita ter o domínio sob os saberes científicos, mas que, por mais que seja necessária, essa característica não é suficiente para uma boa prática docente, necessitando existir também uma sólida prática pedagógica na formação desses professores. Para os autores, é crucial que os professores sejam capazes de transmitir o conhecimento científico de forma clara e significativa aos alunos.

Gatti e Barreto (2009) ressaltam a importância da formação continuada dos professores de ciências baseada na atualização constante dos conhecimentos científicos e do aperfeiçoamento das práticas pedagógicas para garantir uma educação de qualidade. Segundo as autoras, a formação continuada deve ser parte de um processo de formação dos professores, sendo crucial que esses profissionais acompanhem pesquisas, inovem nas práticas teóricas e se mantenham atualizados com a literatura pedagógica a fim de complementar os saberes da formação inicial.

Nas últimas décadas, muito se fala a respeito do TDAH e suas características, mas parte da população, o que inclui também os profissionais da Educação, não estão devidamente capacitados para lidar com as dificuldades que alunos com TDAH apresentam. Segundo a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11) da OMS, o TDAH é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento que exhibe

um padrão persistente de desatenção, hiperatividade e impulsividade que interfere significativamente nas atividades cotidianas e no funcionamento geral da pessoa.

Diversos autores do campo da educação e da neurociência discutem sobre uma formação de professores que inclua reflexões e ofereça orientações para que esses profissionais possam aperfeiçoar a prática docente de forma que crianças neurodivergentes, como as diagnosticadas com TDAH, sintam-se inseridas e pertencentes à construção do conhecimento dentro e fora da sala de aula. Barkley (2006) enfatiza a importância da compreensão do TDAH pelos professores, destacando que deve existir o conhecimento das características do transtorno e quais implicações elas trazem para o processo de aprendizagem.

Atkins e Pelham (2014) apontam sobre a importância da adaptação adequada do ambiente de aprendizagem, bem como do currículo dos professores para melhor atender às necessidades de crianças com TDAH. Dentre as diversas estratégias abordadas no trabalho citado, os autores sugerem que os professores devem considerar estratégias como a utilização de materiais visuais, a organização das atividades em etapas menores, a promoção da participação ativa dos alunos e a criação de um ambiente estruturado e acolhedor.

No que diz respeito a um suporte que melhor atenda essas crianças, uma das possibilidades é o uso de professores de reforço, aqui compreendido como professor particular.

### 3 O MÉTODO AUTOBIOGRÁFICO

O método autobiográfico permite analisar a trajetória de um indivíduo ao apresentar certos acontecimentos e experiências de sua vida em um espaço temporal de forma epistemológica e social, fazendo com que o pesquisador seja o pesquisado. Santos, Völter e Weller (2014) apontam que a narrativa como abordagem metodológica é empregada quando há a necessidade de coletar relatos diretos dos sujeitos sobre suas experiências passadas ou em andamento. Essa prática é fundamental tanto para reconstruir trajetórias de vida quanto para acessar a interpretação subjetiva que os próprios sujeitos atribuem a essas experiências. A utilização dessa abordagem possibilita uma compreensão mais aprofundada de múltiplos aspectos da realidade investigada.

Para Lima, Geraldi e Geraldi (2015), a escolha de investigar uma experiência pessoal na qual o pesquisador é o protagonista, acarreta em um enfoque epistemológico distinto do que é tradicionalmente adotado na maioria das pesquisas científicas. É geralmente esperado que o pesquisador conduza suas ações com base em um método previamente estabelecido. Da forma tradicional, obtém-se uma espécie de receita de bolo, um roteiro a ser seguido.

Já em uma experiência pessoal, o pesquisador baseia seus relatos nas reflexões oriundas de situações e aspectos pessoais de sua vida. A partir disso, ao ser possível reviver e refletir sobre minhas ações, pondero que se cria a possibilidade de conversar com o passado, com o presente e com o futuro. É possível estabelecer uma conversa introspectiva entre dois “eus”: o do passado e o mais recente. O diálogo estabelecido entre esses dois momentos permite com que o eu mais recente extraia informações que acarretarão em um conjunto de conselhos e aprendizados para o eu do futuro.

Reforço meu pensamento com o de Clandinin e Connelly que indagam em sua obra “Pesquisa Narrativa: Experiências e História na Pesquisa Qualitativa (2015)” quais são os termos da pesquisa narrativa. Associando-se teoria da experiência de Dewey, que envolve noções de situação, continuidade e interação, os autores associam seus termos aos de Dewey, gerando novos termos provindos destes, que são: pessoal e social (interação), passado, presente e futuro (continuidade) e a noção de espaço (situação).

Posto que, usando o método de investigação pessoal, resgatamos a história a ser narrada para que, a partir dela, possamos extrair lições, obtemos dois objetos de estudo:

- 1) a história narrada, cuja elaboração já demanda um nível de escolhas e abstração, pois não se narra no vazio. É o objeto empírico inicial e 2) a lição que se extrai da

narrativa e sobre a qual o pesquisador se debruça para o diálogo com o conhecimento disponível. (LIMA, GERALDI E GERALDI, 2015, p. 33).

Dentre as várias formas de se contar uma narrativa, no mesmo trabalho, os autores abordam a narrativa autobiográfica, “que visa à reconstituição da história de uma pessoa (ou de si próprio no caso das autobiografias) e que possibilitam o encontro do narrador com o(s) seu(s) eu(s) ou do biógrafo/narrador com os vários ‘eus’ de sua personagem.” (LIMA, GERALDI E GERALDI, 2015). A forma usada casa perfeitamente com os objetivos do trabalho, visto que, a partir dela, poderei compartilhar de forma narrativa os desafios, as vivências e os sucessos da minha trajetória como educador, processo que considero parte importante de uma formação continuada.

## 4 SOBRE A NARRATIVA

A narrativa é um gênero textual que busca a organização e a estruturação de acontecimentos, experiências e informações com o intuito de criar uma sequência lógica e coerente para que uma história possa ser contada. Por meio da narrativa, é possível contar histórias, compartilhar conhecimentos e atribuir significados aos mais diversos momentos. Neste capítulo, além de discorrer brevemente sobre as características da narrativa, pontuarei como irei usá-la para contar a história que quero.

Estruturalmente, a narrativa costuma ser composta por características como enredo, personagens, ambientação e conflitos. Existem diversas formas de se narrar um texto do gênero, sendo as mais comuns uma narração em 3ª ou 1ª pessoa. Na terceira, o narrador é um observador que conhece, mas não está inserido na história contada por ele. Na primeira, o narrador - que geralmente também é autor - é testemunha da história contada, pois foi sujeito pertencente a ela, podendo ser ou não o protagonista. O presente trabalho terá enfoque no uso da narrativa em 1ª pessoa visto que o objeto de estudo é um período da minha história de vida, logo, ninguém melhor do que eu para narrá-la, visto que fui agente ativo da mesma.

Em uma narrativa, o tempo geralmente é apresentado de forma linear, com horas e dias sequenciais. Entretanto, o narrador possui a liberdade de viajar pelo tempo sem necessariamente se ater a cronologia. “Na teoria da narrativa, poderíamos, a princípio, diferenciar de modo metodológico, apenas como estratégia de compreensão, dois planos do conceito de tempo. O plano do tempo da história e o plano do tempo do discurso” (REALES; CONFORTIN, 2011).

Reales e Confortin (2011) continuam a explicação pondo o tempo da história como algo mais rígido, que é narrado seguindo um determinado modo discursivo. É a sucessão cronológica de eventos que podem ser datados e catalogados no tempo. A cronologia se apresenta na narrativa justamente como uma dimensão do tempo, com datas e referências a determinados momentos históricos para situar o leitor.

Entretanto, “a relação da narrativa com certos marcos temporais datáveis não é uma necessidade absoluta, podendo se dar na forma específica de estratégias narrativas e/ou discursivas denominadas tempo psicológico” (REALES; CONFORTIN, 2011).

“O tempo psicológico “ignora” a marcação do relógio, é interior, cronometrado pelas vivências e pensamentos de cada um” (QUERIDO, 2016). Dito isso, o tempo psicológico não se restringe ao tempo cronológico, podendo viajar por ele a fim de contar a história. Assim, é

possível revisitar a memória e organizá-la livremente, fazendo uso de saltos temporais que resgatam o passado ou abordam o futuro.

Um famoso exemplo onde o tempo psicológico é utilizado na literatura brasileira, de forma a permitir que a narrativa seja contada sem um seguimento de linearidade temporal, é na obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, escrita por Machado de Assis e publicada pela primeira vez em 1881. No livro, o autor nos apresenta a um personagem chamado Brás Cubas, que narra a própria história após falecer. Em suas palavras, Brás Cubas se define como não sendo “um autor defunto, mas um defunto autor” (ASSIS, 1999).

Da mesma forma, me baseando nas falas do personagem, tomo a liberdade de me definir não como um autor que também é professor, mas como um professor autor, visto que, após começar a exercer a profissão do magistério, é a primeira vez que escrevo minhas memórias.

Discorrido sobre as particularidades do gênero narrativo, finalizo esta seção caracterizando como será a história por mim contada. Como indicado no começo deste capítulo, escreverei em 1ª pessoa, sendo então o narrador, um personagem e o protagonista. Tomo a decisão de utilizar o tempo psicológico para escrever na maior parte da narrativa, principalmente a partir do momento que comecei a trabalhar como professor particular. Desta forma, poderei ir e voltar a diversos momentos sem me prender à ordem cronológica para refletir sobre os acontecimentos passados. A linearidade do tempo ainda será utilizada, assim como datas e locais, mas não será a via de regra. Mas não se preocupe, leitor. Você provavelmente não vai ficar confuso e perdido no espaço-tempo.

## 5 A NARRATIVA

Começo essa narrativa declarando que eu não pretendia fazê-la, posto que uma autobiografia não era a ideia inicial para o meu trabalho de conclusão de curso. Não me passava pela cabeça que minha rotina como professor pudesse dar forma a este trabalho. Após já ter escrito alguns bons parágrafos sobre outro tema, conversei com o meu orientador sobre a dificuldade que eu estava tendo para escrever, pois, além do tema anterior ser mais difícil de executar, meu trabalho como professor particular me tomava muito tempo e a instabilidade sonora na minha casa me tirava o foco para escrever.

Durante a conversa, meu orientador destacou que minha trajetória no curso e meu trabalho como professor poderiam servir de tema para o TCC, na forma de uma narrativa autobiográfica. No caminho para casa, pensei no assunto e me senti um pouco estúpido por não ter tido essa ideia antes. Seria menos complicado e me permitiria revisitar minhas memórias em busca de reflexões e aprendizados. Além de empolgado, eu estava grato. Então, antes de continuar, muito obrigado, Professor Roberto.

Dito isso, aqui estou eu, escrevendo uma narrativa autobiográfica que comecei a contar não do começo, mas em um ponto que você, leitor, possa entender porque está lendo-a. Agora, vamos pro “início”.

### *4.1 Quem eu quero ser?*

Cursei meu Ensino Fundamental em um colégio tradicional, que em seus tempos áureos, foi referência na educação e no ensino na cidade de Fortaleza, capital do Ceará. Irei chamar esse colégio de Infante, pois foi onde estudei a maior parte da minha infância e começo da adolescência. Nos últimos anos nessa escola, me recordo que quase todos os dias eu não tinha aula, pois faltavam professores. Quando finalmente fechou, o colégio Infante “vendeu” seus alunos para outra instituição de ensino, um colégio que estava prestes a inaugurar uma nova sede. Irei chamar esse segundo colégio de Adolescere - palavra que se origina do latim e significa crescer - pois foi onde estudei durante a adolescência e cresci exponencialmente como pessoa.

Fui um dos muitos alunos remanescentes do Colégio Infante que tiveram a oportunidade de ganhar um bom desconto na mensalidade caso fosse para esse novo colégio, considerado um dos mais renomados e da cidade. Não tive muita escolha, o sonho de minha mãe era que eu estudasse no Adolescere. Lembro que, apesar de estar feliz por muitos amigos

do antigo colégio também terem ido para esse novo, me senti com medo, visto que meus anos finais no Infante não foram dos melhores.

Por conta da falta diária de professores, não tínhamos aula. Logo, eu não estava familiarizado com muitos conteúdos referentes ao 8º e 9º ano. Era 2012, estava em um novo colégio, no primeiro ano do Ensino Médio e precisava lembrar de conteúdos que eu nem havia estudado. Lembro que não demorou muito para surgirem as primeiras menções ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Eu tinha 15 anos e era esperado que eu soubesse qual seria minha futura profissão.

[...] o ato de decidir a respeito de uma ocupação profissional constitui momento de crise em qualquer época da vida, pois não se trata apenas de executar novas tarefas e sim, de apropriar-se de uma nova identidade profissional; portanto, mais urgente do que a questão “O que quero fazer?”, surge a questão “Quem quero ser daqui em diante?” (VALORE, 2008, p.66).

“Quem eu quero ser?” Essa é a pergunta que me faço até hoje. Não que eu não saiba o que quero pra minha vida, tenho meus objetivos bem claros e busco diariamente atingi-los. Mas diferente do Humberto do Ensino Médio, que pensava apenas a longo prazo, hoje busco dividir meus almejos longínquos com os objetivos a curto prazo. Me faço perguntas como: “Quem eu quero ser amanhã?”, “Que mudanças quero trazer pra mim?”, “Como posso melhorar a partir desse acontecimento?” No fim das contas, todas essas indagações se resumem a quem eu quero ser.

O primeiro ano no Adolescere passou com muita dificuldade. Além das complicações relacionadas ao meu desempenho escolar, tive que lidar com a separação dos meus pais, que só piorou o caos na minha cabeça. Eu tentava fugir daquilo o máximo que podia, mas fazia parte da minha rotina. Junto a isso, precisava manter boas notas e responder a constante pergunta “Quem você vai ser daqui em diante?”

O ano era 2013. Durante o 2º ano do EM, me dei várias respostas para essa pergunta. A primeira - e talvez a mais desejada pela minha família - foi a de que eu seria um médico pediatra. Sentia o desejo de ajudar crianças fazendo algo que pudesse mudar suas vidas. Mas acho que a rotina exaustiva de um profissional de medicina me tirou a ideia. Talvez tenha sido outra coisa, não sei ao certo. Provavelmente não era com aquilo que eu gostaria de mudar vidas.

Depois, veio a fisioterapia. Ajudar pessoas a se recuperar de traumas físicos e proporcionar melhor qualidade de vida. Nobre, mas eu ainda não sentia que era aquilo. Entre essas duas profissões, além de serem da área da saúde, algo que tinham em comum era o objetivo de ajudar pessoas.

Durante os difíceis anos no Adolescere, fui ajudado por diversas pessoas, incluindo meus pais, minha irmã, meus amigos e meus professores. Sobre esse último grupo, devo destacar duas pessoas que fizeram muita diferença na minha vida, pois, ao mesmo tempo que me ajudaram a entender melhor o conteúdo com uma didática inclusiva, que me desafiavam por meio da curiosidade e me faziam sentir parte da aula, me ouviram, me apoiaram e me incentivaram a não desistir. Seus nomes são Patrícia Viana e Carla Diranir, duas pessoas que me inspiraram e me ajudaram a responder a pergunta sobre quem eu queria ser: um professor. Independente da matéria que eu viesse a lecionar no futuro, eu queria ser um profissional parecido com elas.

Nenhuma delas ensinava Biologia no Colégio Adolescere. Então de onde veio a decisão de cursar Ciências Biológicas? Bem, devo dizer que do Humberto criança, sempre curioso com a origem das coisas, fascinado com os animais e com a natureza. Junto a isso, ainda tinha a vontade de ajudar as pessoas com algo que pudesse mudar a vida delas, talvez com uma descoberta científica revolucionária, por exemplo.

Hoje, penso um pouco diferente. Como professor, posso ajudar meus alunos facilitando o aprendizado deles, buscando metodologias que despertem sua curiosidade e aumentem sua confiança. Posso mostrar como um conteúdo faz parte de suas vidas e que ele pode ter significado interessante e divertido. Como biólogo, divido o conhecimento sobre o mundo e a vida contida nele, podendo ajudar a responder as seguintes perguntas que me fazia quando criança: *"Por que isso acontece?"*, *"De onde veio isso?"*, *"Qual o nome dessa coisa?"*

Acredito que, dessa forma, e estabelecendo uma relação professor-aluno que faça com que se sintam ouvidos, pertencentes ao processo de aprendizado e livres para dialogar e expor suas opiniões, estarei influenciando alguma mudança na vida desses alunos, mesmo que pequena. Relaciono meu pensamento com o de Libâneo (1994, p. 250), que diz:

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor,

às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades.

Tomada minha decisão, busquei atingir meu objetivo do único jeito que podia: estudando. O ano era 2014, no meu 3º ano do EM, chegava no colégio às 7:15 da manhã e só voltava para casa às 21:00 da noite. Assistia às aulas normais pela manhã, estudava a tarde inteira na biblioteca e pela noite assistia às aulas em uma turma especial. Durante todo o ano foi assim. Fiz a prova do ENEM e após todo o nervosismo de esperar, finalmente veio o resultado: não obtive nota suficiente para ingressar no curso de Ciências Biológicas, modalidade Licenciatura na Universidade Federal do Ceará.

Me lembro da frustração, do medo e do desânimo. Foi um ano inteiro estudando o máximo que eu podia, bebendo grandes quantidades de café para me manter acordado e continuar estudando. No final, não deu certo e eu me senti extremamente mal por meus pais terem que pagar um cursinho. Aliás, nesse ano, eles reataram o casamento. Foram férias de final de ano bem chatas, pois eu não sentia motivação alguma para estudar tudo de novo. Mas relembrar a diferença que as professoras Patrícia e Carla fizeram na minha vida e pensar em quem eu queria ser, me motivava a pelo menos tentar de novo.

O ano era 2015 e além de toda a carga emocional por não ser aprovado no vestibular, eu teria que lidar com a experiência de conhecer novas pessoas, visto que o cursinho era em outra instituição, que aqui vou chamar de Colégio Praevius, que, do latim, significa aquele *que precede, que guia*. Escolhi esse nome pois foi esse o ano que precedeu minha aprovação, que me guiou para a universidade. O curioso é que, durante o cursinho, considero que estudei bem menos em relação ao ano anterior, quando ainda estava no EM. Aproveitei mais a vida, fiz muitos amigos e viajei sozinho. Talvez me faltasse equilibrar melhor o lazer e os estudos na época do Colégio Adolescere. Penso que nada em excesso é bom, nem mesmo os estudos.

Fui aprovado no vestibular do meio do ano da Universidade Estadual do Ceará, para Ciências Biológicas. Mas não era esse o meu objetivo. Depois de mais um ENEM e uma espera ansiosa pelo resultado do Sistema de Seleção Unificada (SISU), no começo de 2016 veio o resultado que fui aprovado em Ciências Biológicas, modalidade Licenciatura, na Universidade Federal do Ceará. Era o começo de uma longa caminhada.

#### 4.2 A jornada pela graduação

Me recordo que senti um misto de emoções quando soube da minha aprovação. Felicidade, alívio, orgulho, ansiedade e, por incrível que pareça, dúvida. Lembro que até os primeiros dois meses iniciais do primeiro semestre, eu achava que a qualquer momento, alguém da coordenação entraria na sala chamando por mim e comunicando que havia acontecido um erro, que eu não tinha sido aprovado na faculdade e precisaria sair. Mas com o tempo, aceitei que eu estava ali de verdade, onde eu queria e deveria estar.

Logo no primeiro semestre, fiz bons amigos, apesar de algumas dificuldades pessoais. Foram semestres de muito aprendizado, tanto pela chuva de novas informações vindas com os conteúdos das disciplinas, quanto pelas dicas e conselhos sobre como funciona o ambiente acadêmico. Foram dias cheios de descobertas e alegrias, mas também de ansiedade e tensão.

Um dos meus primeiros percalços foi logo no final do primeiro semestre, quando reprovei uma disciplina. Me recordo que estava com medo de ir fazer a prova - que era a primeira da disciplina - mesmo tendo estudado bastante com meus amigos. Optei por não ir e acabei requerendo a segunda chamada. Me arrependi, pois a prova foi bem fácil, os próprios alunos faziam as questões para que outros pudessem responder. Foi um grande erro, mas também um grande aprendizado.

A prova de segunda chamada foi elaborada pelo professor e era extremamente difícil, um consenso entre todos que a fizeram. Não consegui tirar nota suficiente e reprovei a disciplina, me afogando em desânimo. Meu aprendizado foi: nunca faça segunda chamada na faculdade a não ser que você esteja impossibilitado por motivos de saúde. Você não tem como saber que a nova prova será elaborada com base em um sentimento colérico devido ao professor ser obrigado a elaborá-la.

Ao longo do meu trajeto, enfrentei outras reprovações que sempre vieram acompanhadas por problemas pessoais que me deixaram mentalmente desligado. Mas de todos esses períodos, tirei um aprendizado que me proporcionou não repetir meus erros. Erros esses que impactaram diretamente minha vida acadêmica.

Uma das disciplinas que considero uma virada de chave em como eu me via e como eu gostaria de ser como um futuro professor, foi a de Didática. Além de aprender sobre o conteúdo ministrado, que trata das técnicas e métodos que podem ser usados para melhor ensinar um conteúdo para os alunos, aprendi sobre o papel do professor. Moysés (1994) define que o bom professor deve ser politicamente comprometido com seus alunos, além de dominar e empregar recursos que proporcionem uma aprendizagem significativa e completa. Nesse contexto, o foco está na compreensão do conteúdo e não apenas no estabelecimento de uma associação mecânica entre estímulo e resposta.

Freire (1996, p. 52) afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Para Piaget (1973), o papel do educador é indispensável para criar situações e apresentar problemáticas úteis às crianças, fomentando a reflexão e a autonomia em tomar o controle das situações-problema. É importante que o professor deixe de ser um conferencista e que passe a estimular a pesquisa e o esforço, não se contentando em simplesmente transmitir soluções já prontas.

A Lei nº 9.394/96, conhecida como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estabelece as diretrizes para a organização e estruturação dos sistemas de ensino, desde a educação básica até a educação superior. Além de decretar o direito do cidadão a educação de qualidade, trata da organização educacional, dos currículos pedagógicos, do financiamento da educação e da formação de professores. No artigo 13 da LDB, intitulado “Da Organização da Educação Nacional”, e que é citado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), apresenta como funções do professor:

- I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III - zelar pela aprendizagem dos alunos;
- IV - estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;
- V - ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;
- VI - colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

De acordo com os autores citados acima e com a LDB, podemos observar que o papel do professor está longe de ser apenas passar conhecimento aos seus alunos.

Como dito anteriormente, dentre todas as definições e atribuições que li e ouvi durante minha jornada acadêmica, a que mais me marcou sobre o papel do professor foi dita durante a disciplina de Didática. Devido ao tempo, não lembro com exatidão as palavras proferidas pelo professor da disciplina, mas ficou gravado em meu coração e memória que o papel do professor é fornecer ferramentas e situações que facilitem o aprendizado do aluno de forma significativa. Se por algum motivo ele não puder proporcionar algo que facilite, que não atrapalhe. Não atrapalhando, ele já está ajudando.

É com base nessa filosofia que busco ministrar minhas aulas e ser um professor melhor a cada dia. Obviamente que, durante meu percurso, nem sempre consigo aplicar exatamente

essa metodologia. Por muitas vezes, o tempo foi meu inimigo. Uma metodologia que põe os alunos como agentes ativos do processo de aprendizado, que dá liberdade para que eles construam o conhecimento e entendam não apenas o *para que*, mas também o *porquê* eles aprendem determinados conteúdos, demanda tempo.

Apesar da empolgação causada pela disciplina de Didática, segui no curso desanimado. Situações em sala de aula me tiraram o brilho da profissão docente e minha saúde mental também não me ajudou. Em muitos momentos, pensei em trancar o curso, mas uma fagulha de ânimo veio quando tive a oportunidade de ingressar na bolsa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis. O PACCE, como é conhecido de forma abreviada, era uma bolsa que tinha como objetivo dar suporte aos estudantes a fim de diminuir a taxa de evasão dos cursos e, conseqüentemente, aumentar o número de concludentes nos cursos.

Para atingir esse objetivo, os bolsistas eram formados em oficinas ao longo do ano nas técnicas da metodologia da Aprendizagem Cooperativa (AC) para que pudessem criar células estudantis que funcionavam com base no método da AC. Assim, nos grupos de estudos, aprendíamos em conjunto, incentivávamos a responsabilidade individual baseada na divisão de tarefas em prol do funcionamento das células e criávamos laços com outros estudantes da UFC.

Por dois anos, entre 2018 e 2019, diariamente o PACCE fez parte da minha vida e ajudou-me em momentos de dificuldade social e acadêmica. Conheci muitas pessoas, fiz muitos amigos e tive a oportunidade de desenvolver habilidades que em muito me auxiliaram na docência, pois como bolsista veterano do PACCE, eu era encarregado de formar os novos colaboradores nas oficinas, os auxiliando a aprender os conteúdos referentes a AC, tarefa que considero parecida com as atribuições de um professor em sala de aula e que até os dias de hoje me auxiliam durante as aulas.

Durante a graduação na licenciatura, outra experiência que ajudou a moldar meu eu professor foi a dos estágios, que realizei de 2018 até 2022. Na formação de professores, a realização dos Estágios Supervisionados é um requisito obrigatório, estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - 9.394/96. Considero essa etapa de extrema importância na minha caminhada, pois permitiu que eu colocasse em prática as teorias e metodologias de ensino que havia aprendido ao longo do curso de licenciatura, proporcionando-me uma vivência parcial da experiência de ser professor.

Nos estágios, pude compreender a complexidade do ambiente escolar, que ia além do espaço físico e do ato de ensinar e incluía também a realidade social dos alunos que era trazida para dentro da sala de aula. Foi uma experiência enriquecedora onde pude vivenciar de perto as demandas e desafios do trabalho docente.

Essa vivência, assim como a do PACCE, contribuiu para o desenvolvimento das minhas habilidades de comunicação e resolução de problemas, além de fortalecer minha paixão pela educação e me inspirar a seguir essa carreira com entusiasmo e sempre buscando o aperfeiçoamento. Nos estágios, aprendi a ser flexível e criativo, buscando diferentes abordagens para alcançar a compreensão dos estudantes para tornar o aprendizado mais significativo.

Além de Didática e dos estágios, outras disciplinas obrigatórias para a Licenciatura ajudaram a moldar minha *persona* de professor. Até o segundo semestre, compartilhei as mesmas disciplinas com minha turma, os ingressos em 2016.2, mas a partir do terceiro semestre, outras cadeiras começaram a se tornar específicas para cada modalidade.

No meu percurso como graduando de Ciências Biológicas na modalidade Licenciatura Plena, de acordo com os Detalhes da Estrutura Curricular 2006.1A, que vigorou a partir do semestre 2014.1, além das disciplinas partilhadas com os alunos da modalidade bacharelado, o licenciando possui outras 13 disciplinas obrigatórias, sendo estas:

Tabela 1: Disciplinas obrigatórias do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará, modalidade Licenciatura Plena.

<b>Código</b>	<b>Nome</b>	<b>Carga Horária</b>
<b>CH0870</b>	INSTRUMENTALIZAÇÃO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS III	64h
<b>PB0090</b>	PSICOLOGIA DO DES. E APRENDIZAGEM NA ADOLESCÊNCIA	64h
<b>CH0871</b>	INSTRUMENTALIZAÇÃO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS IV	64h
<b>PC0208</b>	DIDÁTICA I	64h
<b>CH0872</b>	INSTRUMENTALIZAÇÃO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS V	64h
<b>CH0920</b>	ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL I	100h
<b>CH0903</b>	BIOLOGIA DE CAMPO APLICADA AO ENSINO	32h
<b>CH0921</b>	ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL II	100h

<b>PB0092</b>	ESTRUTURA, POLÍTICA E GESTÃO EDUCACIONAL	64h
<b>CH0922</b>	ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO MÉDIO I	100h
<b>CK0176</b>	INFORMÁTICA APLICADA AO ENSINO DE CIÊNCIAS	64h
<b>HLL0077</b>	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS	64h
<b>PB0091</b>	EST. SOCIO-HISTÓRICOS E CULTURAIS DA EDUCAÇÃO	64h

Fonte: O próprio autor (2023).

Das disciplinas em questão, muitas proporcionaram conhecimentos e experiências que me permitiram o aperfeiçoamento das minhas habilidades como docente. Entretanto, devo salientar que, apesar de toda a bagagem didática, as instrumentalizações e as experiências em sala de aula, não me recordo de ter contato com conteúdos que me preparasse para atuar na área que me encontro trabalhando atualmente. Peço licença para usar da liberdade que a narrativa psicológica me proporciona para “passar por cima” de alguns anos e dar um salto temporal. Adianto que, no momento que escrevo este TCC, no ano de 2023, trabalho como professor particular para uma criança diagnosticada com TDAH que está no 6º ano do EF.

Como licenciando, tive muito contato com conteúdos ministrados em sala que me proporcionaram uma bagagem teórica acerca da relação professor-aluno, das metodologias de ensino e das particularidades do ser professor. Durante os estágios obrigatórios, pude pôr em prática tudo aquilo que eu havia lido e ouvido durante a maior parte do curso. Entretanto, sempre direcionado para o coletivo, para uma relação e aplicação que se dão no ambiente escolar, onde você não lida diretamente com apenas um aluno, mas sim com uma turma.

Devo dizer que não consegui me agarrar em nenhuma disciplina ou experiência prévia para lidar com os desafios da relação de professor particular e aluno. Felizmente, é possível aplicar várias metodologias de ensino e fazer uso de diversas ferramentas teóricas para nortear minhas aulas particulares. Mas na prática, posso descrever as primeiras semanas como uma experiência que me trouxe muito mais nervosismo do que a de ministrar aulas para uma turma de alunos.

Por se tratar de uma relação mais individual, a atenção para com o aluno é exclusiva, tornando o diálogo constante e também os desafios. Mesmo com as dificuldades, busquei

colocar em prática o que aprendi nas disciplinas e, com o tempo, as aulas começaram a fluir. Sempre que possível eu recorria a literatura, buscando constantemente estar em processo de aperfeiçoamento e formação.

Acrescento também que, durante o período da faculdade, em nenhuma disciplina me recorde de ter contato com conteúdos e discussões que me preparasse com as devidas orientações e conhecimentos teóricos para adaptar minhas aulas às necessidades de um aluno diagnosticado com TDAH. Certamente tive contato com metodologias e assuntos que me ajudaram a melhor atender as necessidades de crianças e adolescentes surdos, com cegueira e, se a minha memória não estiver me enganando, as pertencentes ao espectro autista, mas apenas em uma aula ministrada por um outro licenciando em uma disciplina que fazíamos em comum.

Hoje em dia, na realidade em que me encontro e que tão logo você poderá ler, acho que disciplinas voltadas especificamente para atender a variedade de alunos com transtornos e com deficiências teria sido de extrema ajuda e importância durante minha formação acadêmica, visto que, quando inseridos no mercado de trabalho como professores, temos contato com uma ampla variedade de pessoas e estamos suscetíveis a estar na presença desses alunos.

Associo meu pensamento com o de Lima (2002, p. 40), que aborda o assunto da seguinte forma:

[...] a formação de professores é um aspecto que merece ênfase quando se aborda a inclusão. Muitos dos futuros professores sentem-se inseguros e ansiosos diante da possibilidade de receber uma criança com necessidades especiais na sala de aula. Há uma queixa geral de estudantes de pedagogia, de licenciatura e dos professores com o discurso de que *não fui preparado para lidar com crianças com deficiência*.

Penso que, se existem queixas, inseguranças e *feedbacks* dos alunos da graduação em relação a insuficiência de formação adequada, que aborde a inclusão dessas crianças, é dever dos cursos de Licenciatura incluir em sua grade curricular disciplinas que abordem e atendam a questão, baseando-se principalmente na LDB nº 9.394/96, artigo 59, inciso III, (BRASIL, 1996) que assegura aos educandos com necessidades especiais professores devidamente capacitados em nível médio ou superior para atendimento especializado, assim como professores do ensino regular também capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns.

Mais pra frente, voltarei a abordar os desafios que essa ausência de formação adequada me trouxe. Voltando a parte narrada da minha história, você deve estar se perguntando como

foi o processo de terminar os estágios e começar a dar aulas particulares. Pois bem, a partir de agora, contarei o início do período final na graduação, marcado pelo fim do ESEM II, passando pela inserção no mercado de trabalho e chegando até o momento que escrevo este TCC.

#### *4.3 A vivência profissional*

Próximo ao final de 2022, finalmente eu havia concluído todas as disciplinas e estágios, além de ter cumprido todas as horas complementares. Academicamente falando, me faltava apenas o TCC. Profissionalmente, ainda me faltava trabalho, visto que, com exceção de alguns trabalhos como *designer* e *social media*, desde o final da minha participação como bolsista remunerado no PACCE, eu não possuía uma fonte própria de renda.

A oportunidade veio quando uma importante amiga da família me indicou para uma instituição que ofertava reforço escolar e que estava precisando de professores que atendessem a domicílio. Era por volta de setembro de 2023 quando entrei em contato direto com a responsável por gerenciar os professores do reforço. Me recordo que após repassar meus horários disponíveis, conversamos a respeito de como funcionaria a dinâmica.

Eu substituiria uma professora que já dava aula para esses alunos, mas que estava de licença médica. Ganharia um valor fixo por hora aula, a ser pago no final da semana pela administradora do reforço. Devo ressaltar que não havia vínculo empregatício, minha Carteira de Trabalho não foi assinada. Então quanto mais alunos e horas trabalhadas, consequentemente, mais dinheiro eu ganharia. A locomoção seria por minha conta e os alunos seriam repassados pra mim nos turnos da manhã e tarde, todos residentes em bairros “nobres” de Fortaleza que são bem distantes de onde moro e entre o 4º e o 5º ano do EF.

Dependendo do requerido pelos pais ao reforço, para alguns alunos eu ministrava aulas com 1 hora de duração enquanto para outros, 1h30min. Da mesma forma, as disciplinas também eram escolhidas pelos pais. É, eu não iria dar aulas apenas da Ciências ou Biologia. Quaisquer que fossem as matérias necessárias, eu precisaria estar capacitado para atender as necessidades dos alunos.

Me encontrei em uma situação de nervosismo, pois fazia quase uma década que eu não tinha contato com a maioria dos conteúdos fora da Biologia, ainda mais nos referentes as séries pelas quais já passei a muito tempo. Apesar disso, aceitei a oferta. A questão financeira foi um bom atrativo, mas a oportunidade de estar em movimento, em formação continuada e adquirindo experiência também foram cruciais para aceitar o trabalho.

Inicialmente, me foram atribuídos quatro alunos. Entretanto, neste trabalho, abordarei minhas experiências docentes com apenas um deles, um menino diagnosticado com TDAH, que, na época, cursava o 5º ano e estava com dificuldades para assimilar a maioria dos conteúdos ministrados na escola devido ao déficit de atenção. O apresentarei aqui como R.

Optei por escolher falar apenas dele pois, atualmente, dos quatro alunos iniciais, ele é o único que ainda continuo acompanhando com as aulas, visto que os outros três voltaram para a professora que estava de licença médica e porque escolhi não ter outros alunos enquanto não concluísse o TCC, visto que toda a questão de locomoção e rotina de aula demanda muito tempo e é deveras fatigante. Além disso, R foi o aluno que mais me fez evoluir como profissional. A partir dos desafios vindos com o TDAH e a já mencionada ausência de formação adequada na faculdade para melhor atender crianças com esse transtorno, exigi de mim mesmo o constante aperfeiçoamento didático.

Desse ponto da narrativa em questão, tratarei brevemente da minha rotina de trabalho e de situações que exigiram mudanças na minha didática e a busca por estratégias de ensino para melhor atender as necessidades de R. Tais momentos aconteceram entre o intervalo de setembro de 2022 até junho de 2023. Também neste período, mas somente após falar sobre a parte educacional, abordarei outras situações que aconteceram durante e fora das aulas que me marcaram positivamente.

No começo, minha rotina de trabalho consistia em sair de casa às 8 horas da manhã e voltar 19 horas da noite. Para me locomover para o condomínio de cada aluno, sempre ia de Uber moto, fazendo com que, ao longo do dia, contando com a saída e a volta para casa, eu tivesse que andar de moto cinco vezes ao dia, embaixo de Sol ou chuva. Logo veio o cansaço excessivo, dores na lombar e gripes, mas hoje em dia, tudo é mais tranquilo, pois mantenho apenas um aluno. Sendo assim, atualmente me dirijo até a casa de R de moto e volto para minha casa de ônibus, o que, apesar de cansativo, é bem menos se comparada a minha rotina no começo dessa jornada como professor particular.

Mas voltando a focar nas aulas do R, a primeira semana me exigiu bastante paciência, compreensão, improviso e respeito as suas particularidades provindas do TDAH. Lembro que nos primeiros dias eu esperava alguns minutos sentado à mesa da sala, esperando-o vir para a aula. Quando ele vinha, repetidas vezes se levantava da cadeira para se movimentar, fosse correndo ou indo fazer alguma outra coisa em outro cômodo da casa.

É importante salientar que, inicialmente, ainda não havíamos estabelecido uma relação professo-aluno sólida, onde ele entendesse qual meu papel ali e qual o dele. Por isso, até mesmo eu não sabia muito bem o que fazer para trazê-lo de volta nesses momentos. Eu poderia chamá-

lo, mas ir atrás dele para busca-lo, na época, não me parecia adequado. Então eu simplesmente o chamava e, quando ele vinha, tentava prender sua atenção das mais diferentes formas.

Para mudar esse cenário ao longo das semanas e aumentar seu interesse pelo momento de estudar, busquei compreender mais profundamente o TDAH e suas características para fornecer um suporte adequado. Para isso, busquei na literatura estratégias que beneficiariam a mim e ao aluno. Tive como objetivos construir uma sólida relação de professor-aluno, baseada na confiança, no incentivo, na autonomia do aluno. A existência de uma forte relação professor-aluno cria um ambiente no qual o estudante se torna mais propenso a se engajar nas tarefas escolares, a respeitar as regras e a se relacionar de forma eficaz com seus colegas. Uma relação problemática entre um aluno com TDAH e o seu professor corre o risco de ser caracterizada por conflitos, dependência excessiva e punições. (POWER; TRESCO; CASSANO, 2009).

Com o tempo, R foi ficando mais à vontade para deixar que eu o conhecesse como pessoa e aluno. Durante as aulas, até os dias de hoje, ele sempre faz muitas perguntas sobre mim e conta sobre coisas que ele gosta, como jogos e memes da sua geração. Por diversas vezes ele me pergunta sobre como é ser professor e sobre a faculdade de Ciências Biológicas. Os constantes *“Tio, o que você acha disso?”*, *“Tio, sabia que isso é assim?”* e *“Mas por que, tio?”* são parte do meu processo de aprendizado como professor. Por conta disso, afirmo sem sombra de dúvidas que da mesma forma que eu o ajudo no processo de aprendizado, ele também o faz comigo.

Durante da constante construção da relação professor-aluno, encontrar métodos de ensino que fossem atrativos e envolventes também foi um desafio a ser superado logo no início. Inicialmente, eu o ajudava a resolver as tarefas e explicava os conteúdos igual fazia com meus alunos neurotípicos. Seguindo a orientação da administradora do reforço, eu só precisava ter mais paciência. Mas, certamente, esse comportamento não ajudava a criança. Ela não precisa só de paciência, mas também de ser entendida, incentivada para aprender e que tenha um ambiente que a ajude a compreender o conteúdo.

Além disso, ponderei que meu papel como professor particular era o de reforçar o que já era aprendido em sala de aula, revisando os conteúdos já ministrados e oferecendo outras perspectivas e abordagens educacionais para que R pudesse ter mais autonomia na construção do seu próprio aprendizado.

Ao perceber isso, ao longo das aulas, dependendo da matéria a ser estudada no dia, comecei a fazer uso de recursos visuais, atividades práticas que o desafiavam, criando situações imaginárias que valeriam a conquista de um objeto muito importante em uma franquia de jogos que ele é muito fã. Para contornar sua hiperatividade, o desafiava propondo que ele tentasse

ficar pelo menos cinco minutos sem levantar da cadeira, para que pudéssemos conversar melhor sobre o conteúdo do dia. Passavam-se os cinco minutos e ele não percebia que já estava a quase dez minutos sem se levantar, completamente focado no momento de estudo. Quando percebia, ele mesmo propunha tentar ficar mais tempo.

É óbvio que nem sempre a mesma estratégia funciona duas vezes. Neste caso de precisar se movimentar pela casa, passei a adotar intervalos durante a aula. Diariamente, tínhamos 1h30min de aula. A cada meia hora, R tinha 10 minutos para fazer o que quisesse, contanto que, após retornar, tentasse manter o foco e interagisse comigo para que pudéssemos fazer com que ele entendesse melhor o assunto. Tal medida se mostrou bem eficaz, pois percebi uma diminuição da sua necessidade de se movimentar e gastar energia e um aumento do seu interesse após retornar do intervalo.

Outro método que adotei foi o de promover conversas sobre os assuntos referentes as matérias a serem estudadas, onde fazia perguntas para ele a fim de que eu pudesse entender quais eram os conhecimentos prévios dele para que, em seguida, ele refletisse e chegasse a novas informações que o ajudassem a construir aquele conhecimento, sempre contanto com o meu auxílio.

Power, Tresco e Cassano (2009) ressaltam que a organização desempenha um papel crucial na educação de um aluno com TDAH ao garantir a implementação de atividades estruturadas e sequenciais, reduzindo distrações e promovendo a atenção. Sabendo dessas informações, busquei auxílio na Teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel.

Segundo Moreira (1980), Ausubel, que é um teórico cognitivista, apresenta uma explicação teórica do processo de aprendizagem, enfatizando a importância da organização e integração do material de estudo na estrutura cognitiva. Para ele, a aprendizagem envolve a aquisição e utilização do conhecimento por meio de processos cognitivos. Assim como outros teóricos cognitivistas, Ausubel parte do pressuposto de que existe uma estrutura na qual ocorrem essas atividades de organização e integração. Essa estrutura, conhecida como estrutura cognitiva, é o conjunto de ideias organizado em uma área específica de conhecimento. Portanto, a estrutura cognitiva é o resultado complexo dos processos cognitivos pelos quais o conhecimento é adquirido e utilizado.

Kochhann e Moraes (2014) enfatizam que é essencial o professor desenvolver uma metodologia dinâmica, que promova a interação social entre os participantes do processo educacional. Dessa forma, ocorre uma conexão entre a estrutura cognitiva do aluno e o conteúdo a ser aprendido, resultando em uma aprendizagem com significado. Através de uma

abordagem de ensino dinâmica, o professor desperta a curiosidade epistemológica do aluno, permitindo que ele construa conhecimento e aprenda de maneira significativa.

Aplicando esses conceitos, percebi que, ao longo dos meses, mantendo uma boa relação com R e o indagando sobre seus conhecimentos dos assuntos e buscando sempre atiçar sua curiosidade a fim de fomentar nele a construção do conhecimento, ele se mostrava mais focado e interessado nas aulas. Conseqüentemente, se tornava mais fácil realizar as tarefas de casa e estudar para as provas.

Se tratando dos desafios que proponho, sempre que cumpridos, aplico um reforço positivo para reconhecer sua conquista. Segundo a pesquisa de Power, Tresco e Cassano (2009), a oferta de *feedback* em resposta às mudanças positivas de comportamento e ao cumprimento de tarefas é uma estratégia eficaz para modificar comportamentos de crianças com TDAH. A atenção dada pelo professor pode ser um poderoso incentivo, especialmente na pré-escola e nos primeiros anos do ensino fundamental.

Mattos (2005) destaca que para melhorar o aprendizado de uma criança com TDAH, o professor deve manter uma rotina e um conjunto de regras bem esclarecidas e que defina limites ao seu comportamento, visto que elas possuem dificuldades de gerar e manter esse controle. A apresentação clara de regras, segundo Power, Tresco e Cassano (2009, p. 409), apresentam algumas diretrizes, que incluem:

- 1) solicitar a presença dos alunos para identificar as regras, 2) limitar o número de regras a três ou quatro, 3) expressar as regras em termos do que o aluno deve fazer (por exemplo, levantar a mão antes de responder as perguntas ou mantê-las abaixadas) e 4) exibir as regras em um local de destaque para que possam ser facilmente visualizadas.

A já estabelecida relação professor-aluno fez com que R atendessem sem muitas dificuldades as regras que achei importantes delimitar. Levantar a mão antes de perguntar e não interromper durante explicações são as principais regras que utilizamos. Diferente do proposto pelos autores acima, não as deixei exibidas em um local de destaque para que pudessem ser visualizadas, mas como estou em constante aprimoramento da minha metodologia, realizarei essa mudança assim que possível.

Ao longo do caminho, algumas novas regras surgiram a fim de melhorar seu desenvolvimento. Uma delas, por exemplo, foi a de não comer durante o momento de aula, visto que R se distraía muito com o vindouro momento do lanche e mais ainda com o ator de

comer. Para resolvermos o problema, conversei com sua mãe e ficou acordado entre nós três, eu, R e ela, que o momento do lanche seria apenas após a aula. Desde então, isso foi superado.

Um comportamento que naturalmente surgiu após o início das aulas de reforço e que serviu para aperfeiçoar o aprendizado do aluno, como já mostrado no parágrafo acima, foi o de manter uma comunicação constante com os pais cerca das melhorias e dificuldades no seu processo de aprendizado. A família de R é bastante presente no seu processo educacional e busca sempre criar um ambiente calmo e propício ao seu aprendizado. Sua mãe, que é professora do ensino superior, dialoga e troca conhecimentos comigo sobre metodologias e técnicas que podemos utilizar para melhor promover o desenvolvendo e a autonomia do R.

Ao longo dos meses como professor de R, pude testemunhar seu progresso de forma animadora. Semanalmente, tanto eu, quanto ele e sua família pudemos observar melhorias em sua autonomia, organização e concentração. R começava a ter mais curiosidade sobre as matérias das áreas de humanas e ciências e conseqüentemente passou a fixar os assuntos com mais facilidade. Na área de matemática e geometria, passou a resolver as operações de forma correta com mais segurança e rapidez.

Me recorro que o momento de mostrar suas primeiras notas das provas feitas após termos iniciado o processo de reforço foi extremamente feliz para R e muito gratificante para mim, tanto no sentido pessoal como profissional, pois ver seu crescimento me fez sentir que eu estava fazendo diferença em sua vida acadêmica e emocional. Seu progresso foi significativo e ele perceber isso o deixou muito animado e confiante sobre sua clara inteligência e capacidade. Já eu, apesar do nervosismo das aulas iniciais, tive também a certeza que era capaz e estava no caminho para me tornar um bom professor.

Nesse período, obtivemos a aprovação dele do 5º para o 6º ano do fundamental, com um aumento de suas notas nas etapas do semestre em que começamos a trabalhar juntos. Mas apesar de notas melhores, em alguns momentos vieram algumas abaixo da média, que fizeram R ficar com receio de eu ficar triste. Segundo sua mãe, ele não queria que eu ficasse decepcionado, mas conversei com ele e expliquei que notas como aquela não me deixariam triste ou decepcionado, mas sim incentivado a ajuda-lo ainda mais.

Falando agora sobre situações que fogem um pouco da parte educacional e didática, mas que me marcaram muito durante esse período, devo primeiro destacar a aproximação que se desenvolveu entre a família de R e eu. Talvez fruto da comunicação estabelecida em prol do melhor aprendizado da criança e sua família ser bastante gentil, em vários momentos mantive bons diálogos com a mãe, o pai e a avó de R, fosse sobre a vida pessoal ou acadêmica, onde recebi suporte, conselhos ou mantive apenas uma boa conversa. Em segundo, destaco a

amizade formada entre R e eu, pautada sempre no respeito mútuo e no bem estar da criança. Quando fez aniversário, por exemplo, R fez questão de me convidar e toda sua família me recebeu muito bem.

Em alguns momentos das aulas, parei alguns instantes para dar conselhos sobre a vida, sobre a importância do estudo, de valorizar os momentos em família ao invés de se prender tanto ao computador e da importância da comunicação com seus pais. Foram nesses momentos também que aprendi muito com ele, seja sobre jogos ou em perspectivas diferentes acerca de determinados assuntos das matérias, como quando estávamos estudando separação de misturar e, após eu pergunta-lo sobre o que ele lembrava ou entendia da evaporação, R me respondeu da seguinte forma: *“Tio, sabe quando o corpo morre? Aí o espírito sobe pro céu, né? Ele tá evaporando, mas ele sobre pelado, porque o corpo com as roupas fica aqui na Terra, aí isso é separar pela evaporação.”* Agora imagine minha surpresa e meu riso ao obter esse exemplo quando o que eu esperava era o mais óbvio e utilizado inclusive no livro, a separação do sal da água pela evaporação do líquido.

Apesar de ser um desafio constante, a experiência de ser o professor de R é extremamente enriquecedora, pois com ela aprendo a ser mais flexível, paciente e a buscar constantemente aperfeiçoar minhas habilidades, adaptando meu ensino às necessidades individuais do aluno. Profissionalmente, é uma experiência crucial para minha formação como professor, pois fortalece ainda mais minha paixão pela licenciatura, além de fomentar em mim a vontade de me especializar na área que tange o ensino para crianças neurodivergentes.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo refletir acerca dos desafios da minha trajetória acadêmica como graduando de Ciências Biológicas, Licenciatura Plena e como ela refletiu e ainda reflete no meu trabalho como professor particular para uma criança diagnosticada com TDAH. Devido ao caráter de resgate de minhas memórias, o trabalho foi elaborado em forma de narrativa autobiográfica, onde narro, reflito e comento sobre as questões aqui dispostas que se referem ao objeto de estudo, no caso eu. Ao revisitar minhas memórias e ponderar sobre as mesmas, pude refletir sobre coisas além das inicialmente pretendidas, as quais também incluo no trabalho em forma de pensamentos e conclusões.

Como objetivo, tive como pretensão revisitar minha trajetória de formação acadêmica até o momento que me inseri no mercado de trabalho, buscando me reencontrar com um eu do passado e refletir sobre como as particularidades da formação acadêmica desse Humberto repercutiram no trabalho de professor particular que o eu atual exerce para uma criança com TDAH. Não separei objetivos gerais e específicos, visto que, para mim, o único objetivo era analisar de forma epistemológica minha trajetória, minhas decisões, meus desafios e meus aprendizados, objetivo que se construiu ao longo da escrita do trabalho.

A escolha do tema se deu por eu constantemente falar para amigos próximos e familiares sobre meus desafios e conquistas exercendo este trabalho que faz parte da minha rotina diária e, conseqüentemente da minha vida, além de sobre como eu agia na busca para oferecer o melhor suporte que eu pudesse oferecer para meu aluno. Logo, surgiu a questão de buscar essa ajuda metodológica nas memórias do meu trajeto acadêmico, que certamente me preparou para ser um professor, mas que não me apresentou a algumas especificidades, como estratégias de ensino voltadas para crianças diagnosticadas com TDAH.

A fim de entender as particularidades da formação de professores, do TDAH e da associação de ambos, bem como do método autobiográfico e das técnicas de ensino voltadas para crianças com TDAH, foi realizado um estudo bibliográfico associado com as minhas reflexões sobre minha história na graduação e as decisões e caminhos que optei por tomar a fim de melhor auxiliar no processo de aprendizado do aluno referido no presente trabalho.

Do que foi aqui exposto, concluo que minha trajetória acadêmica e profissional, pelo menos até o presente momento, foi marcada por erros e tropeços, mas proporcionalmente por aprendizados, acertos e recomeços. Tornar minha história de vida o meu objeto de pesquisa me permitiu conversar com uma versão minha que tinha outros sonhos e objetivos. Apesar das vontades daquele Humberto não terem sido completamente realizadas, acredito que ele ficaria

contente se soubesse o que o futuro lhe guardava. Acredito que a graduação me proporcionou conhecimentos e experiências enriquecedoras que hoje fazem parte do meu ser, incluindo a vontade de conhecer cada vez mais sobre as particularidades do ensinar.

Escrever esse trabalho se mostrou um desafio desde o começo, pois não passava pela minha cabeça que eu poderia escrever sobre minha vida, relatando meu passado e minha rotina atual. O tempo, que neste trabalho foi bastante explorado, visto que precisou ser revisitado através das minhas memórias, não foi meu aliado durante a escrita. Mas após organizado os pensamentos e selecionado o que eu queria contar, trabalhamos em harmonia. Apesar dos contratemplos, dos barulhos, do estresse e da pressão, termino essa narrativa declarando que finalmente ela está feita.

**REFERÊNCIAS:**

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Moderna, 1999.

ATKINS, M. S.; PELHAM, W. E. **School-Based Interventions for Students with Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder**. Guilford Publications, 2014.

BARKLEY, R. A. **Attention-Deficit Hyperactivity Disorder: A Handbook for Diagnosis and Treatment**. Guilford Press, 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, Brasil.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BRASIL. Universidade Federal do Ceará. Ministério da Educação. **CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - FORTALEZA - Presencial - MT - LICENCIATURA PLENA**. Estrutura Curricular. 2014. Disponível em: [https://si3.ufc.br/sigaa/public/curso/curriculo.jsf?lc=pt\\_BR&id=657427](https://si3.ufc.br/sigaa/public/curso/curriculo.jsf?lc=pt_BR&id=657427). Acesso em: 20 jun. 2023.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa Narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa**. 2ª ed. Ufubu, 2015.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. C. A. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. **Professores do Brasil: Impasses e desafios**. Editora Unesp, 2009.

KOCHHANN, Andréa. MORAES, Ândrea Carla. **Aprendizagem significativa na perspectiva de David Ausubel**. Anápolis: UEG, 2014

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor. – São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, M. E. C. DE C.; GERALDI, C. M. G.; GERALDI, J. W. **O trabalho com narrativas na investigação em educação**. Educação em Revista, v. 31, n. 1, p. 17–44, mar. 2015.

LIMA P.A. **Educação inclusiva e igualdade social**. São Paulo; AVERCAMP, 2002.

MATTOS, P. **No mundo da Lua: Perguntas e respostas sobre transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Lemos Editorial, 2005

MOREIRA, Marco Antonio. A teoria da aprendizagem significativa de Ausubel. In: SUPERIOR, Programa de Apoio Ao Desenvolvimento do Ensino (org.). **Ensino e aprendizagem: enfoques teóricos**. 15. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1980. Cap. 10. p. 61-73. (Melhoria do Ensino).

MOYSÉS, Lucia. **O Desafio de Saber Ensinar**. [S.I]: Papyrus, 2015. 131 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **ICD-11 Reference Guide**. Genebra: OMS, 2019b. Disponível em: <https://icd.who.int/icd11refguide/en/index.html>. Acesso em: 17 jun. 2021.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora/Unesco, 1973

POWER, Thomas J.; TRESKO, Katy E.; CASSANO, Michael C.. School-based interventions for students with attention-deficit/hyperactivity disorder. **Current Psychiatry Reports**, [S.L.],

v. 11, n. 5, p. 407-414, out. 2009. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s11920-009-0061-6>.

QUERIDO, A. M. **O tempo no meio da noite**: uma análise do tempo de Benjy e de Quentin em O som e a fúria de William Faulkner. Estudos Avançados, v. 30, n. 86, p. 253–265, abr. 2016. DOI: 10.1590/S0103-40142016.00100016.

REALES, L.; CONFORTIN, R. de S. **2º Período**: introdução aos estudos da narrativa. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. 105 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/115555/Int.%20Estudos%20da%20narrativa.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 jun. 2023.

SANTOS, H.; VÖLTER, B.; WELLER, W. **Narrativas - Teorias e métodos**. Civitas: revista de Ciências Sociais, v. 14, n. 2, p. 199–203, 2014. DOI: 10.15448/1984-7289.2014.2.17868. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/17868>. Acesso em: 8 jun. 2023.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.

VALORE, Luciana Albanesa. **A problemática da escolha profissional**: a possibilidades e compromissos da ação psicológica. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/hn3q6/pdf/silveira-9788599662885-07.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2023.